

Roberto Bonfim faz "A Difícil Viagem"

Ele é um bandido. Um tipo difícil de encarar. Quando se sente agredido, mostra a mão e pergunta: "Tá vendo o tamanho da raquete?" Se enfrentado, não tenha dúvida que a "raquetada" vem. Criado no Rio de Janeiro, participava de uma turma muito conhecida por ganhar todas as brigas. O seu apelido nesta "gang" era "Monstrinho do Leblon". Os amigos o conhecem como Robertão. Tem uma gargalhada que é ouvida muito longe. Principalmente quando toma seus homéricos porres. A sua ligação com a natureza é profunda. E um elemental. E místico. Pode ficar horas sentado de a beira de um rio ouvindo o que ele tem a dizer. Faz o perfume que usa. E tímido. Se sente bem mesmo é ao lado do "povão". E ator. Ele é **Roberto Bonfim** e veio divulgar o filme do diretor candango Geraldo Moraes, **A Difícil Viagem**, que estreia ainda este mês em Brasília.

Antes de fazer o índio Pedro neste filme, Bonfim já percorreu longo caminho no teatro, na televisão e no cinema. Começou sua carreira não no palco, mas no movimento estudantil. A época era dura e escura. O romântico grupo de esquerda do qual participava nos anos sessenta acreditava que o teatro podia politizar as massas. O "Monstrinho do Leblon" não estava nessa. Ele fazia parte da "segurança". Era quem jogava as bolinhas de gude nas patas dos cavalos, quem ficava atento, quem "garantia" a moçada dos "home". Ele ficava "atento" durante os ensaios de "O Coronel de Macambira", que o Amir Hadad estava dirigindo com um grupo de amadores. Durante alguns dias o ator que fazia o Coronel faltou. Bonfim estava ali mesmo e o substituiu. Se saiu tão bem que logo veio a "palavra de ordem": estava transferido da segurança para o palco. Isso foi em 1967. Um ano depois ele fazia seu primeiro espetáculo profissional, "O Capeta de Caruaru" também sob a direção de Amir. Daí não parou até hoje.

Na televisão também começou como bandido em "Bandeira 2" e logo em seguida um delegado em "Verão Vermelho". "Maldades é comigo mesmo". Depois de fazer muita figuração, ele descobriu que eram os bandidos que trabalhavam mais. "Os mocinhos eram seguidamente dispensados das filmagens e dos 'cachets', já o bandido, abre uma porta, faz uma cara de mau e ganha o dia". Hoje

Gilberto Alves



Bonfim, o "Robertão", veio a Brasília para divulgar o filme do diretor brasileiro Geraldo Moraes

ele já não faz só maldades. O Terêncio da novela "Paraíso" era um personagem poético, "um réquiem para o pião". Seu "Otelio" foi muito elogiado.

Mas Roberto Bonfim não está aqui para falar nem de teatro, nem de televisão, mas do seu último trabalho no cinema, o que é uma coisa nova na sua carreira. "É a primeira vez que divulgo pessoalmente um filme". E isso se deve à forte ligação com o seu personagem e com o Rio Araguaia onde se passa a história de "A Difícil Viagem".

O Araguaia está na sua memória de infância (um tio que fazia sua pescaria anual e excitava a imaginação do sobrinho), está em dois filmes (o primeiro foi em 72 - "A Lenda do Ubirajara") e na sua previsão do fim. "Quero passar o fim da minha vida lá, na beira do rio pescando lambari. Não quero pegar nem piau, é lambari mesmo". Assim quando foi chamado para fazer o papel, não pensou duas vezes. "Aceitei primeiro e conversei depois".

Já em Aruaña (local das filmagens), depois de um papo rápido com Geraldo sobre o personagem Bonfim, já sentiu que "Pedro" estava na palma da mão. "Quando fui fazer 'Ubirajara' levei um amigo meu como

meu "assessor para assuntos indígenas". Uma pessoa fabulosa que esteve muito tempo como "cobaia" aqui na UnB. Tep Kahok é um homem que tem orgulho em ser índio. Naquela época, já muito aculturado, Kahok estava reaprendendo a ser índio e eu aprendendo com ele. Assim que voltei à Aruanã recebi uma notícia (graças a Deus, falsa) que meu amigo tinha morrido (mas só tinha ido para a Bahia). Decidi, com a liberdade que o Geraldo me deu para criar Pedro, que faria uma homenagem. Assim Pedro é só o nome cristão. O nome verdadeiro ficou sendo Tep Kahok e a sua personalidade me influenciou muito".

Mas Pedro não estava só aí. O avô de Robertão foi um Bororo. "É a relação com as pessoas da cidade e com vocês, atores da região também enriqueceu muito o trabalho". Além disso a sua relação profunda com a natureza lhe deu o resto. "Era como se "baixasse o santo". Eu chamava o índio que estava dentro de mim e virava boto".

Trabalhar com Robertão foi muito bom. O locutor que vos fala fez um dos dois caboclos que com Pedro formava o trio de amigos do personagem principal: Evandro (interpretado por Paulo José). Mais do que apenas

uma relação de trabalho, nos tornamos amigos. Uma pequena parte da equipe permaneceu todos os três meses de filmagem. Nós dois fizemos parte desses privilegiados. Bonfim com a sua experiência nos ajudou muito. Não escondeu o jogo. Trabalhou com paixão. Nossa "brincadeira" com os personagens durante quase 24 horas por dia acabou por aparecer no filme. Quem viu, diz que não nos diferimos dos figurantes, da gente de lá. Vamos conferir.

"A Difícil Viagem", de Geraldo da Rocha Moraes, com Paulo José, Zaira Zambeli, Roberto Bonfim, Venerando Ribeiro, João Antonio, Rui Rezende, mais muita gente daqui e de lá do Araguaia, estreia ainda este mês no Rio de Janeiro (no Cine Caruso), uma semana depois, finalmente, aqui no Planalto, logo depois Goiânia e Aruanã.

"É um filme simples. Uma linguagem nova. Um caminho excepcional. Um negócio novo, que não sei onde vai dar. Eu gostei muito". Esta é a opinião de Roberto Bonfim sobre "A Difícil Viagem" e acrescenta: "No 'Nosso Festival' no Rio ele veio por fora, como um azarão e lançou a egua. (levou o primeiro lugar). Agora é esperar a opinião do público". (João Antonio)